

A guerra e a paz Continua a falar-se de paz, apesar de a guerra estar assumindo um caracter cada vez mais feroz, com a ultima *maneira* anunciada pelos alemães, de ataques a todos os barcos que pretendam commerciar com os países seus inimigos.

A attitude assumida ultimamente por Wilson, attitude belicosa aparentemente contraditoria com a sua anterior proposta de paz ás nações beligerantes, surpreendeu muita gente. Não experimentámos essa surpresa, porque vimos em ambas as attitudes o mesmo fim: a atingir, o fim a que nos referimos numa nota anterior.

E' a necessidade de uma paz o mais proxima possivel que leva o presidente Wilson a desencadear a guerra com a Alemanha, guerra que, de resto, não ha-de ser, cremos nós, muito mortifera. A continuação da guerra, em contrario do que muita gente pensava, não é nada lucrativa para os Estados-Unidos, que teem, no seu horizonte economico,—se o grande conflito se prolongar muito—dificuldades financeiras que se reflectirão na vida industrial do país e portanto na sua vida economica geral.

A guerra de submarinos que a Alemanha annunciou foi um grande êrro politico, cuja primeira consecuencia foi o rompimento dos Estados-Unidos e quasi certamente a guerra com este país, e a attitude mais ou menos adversa dos outros países neutros, os quais, pouco a pouco, continuando a guerra submarina como os alemães a annunciaram, se inclinarão forçosamente, pela força das circumstancias, para a beligerancia.

Todos êstes novos inimigos ou protestantes constituirão por fim uma tal massa de gente do lado oposto no da Alemanha, que esta se verá obrigada a renunciar á guerra submarina, que é a ante-camara do pedido de paz, ou mesmo a pedido declarado da paz, convencida de que a continuação da luta só redunda num acrescimo de sacrificios inuteis para o povo alemão e numa perda constante do prestigio, que elles precisam, mais que nunca, manter, para os governantes alemães.

Eis porque esta attitude de Wilson, sendo belicosa na apparencia é de facto mais pacifica do que a de dezembro passado: porque apressa a paz, ao passo que a outra nada conseguia nesse sentido, como de resto se viu immediatamente. E depois a paz assim será mais aquella que se necessita, isto é, tendo por base a derrota da Alema-

nha militarista, sem o que, tudo que se fizer, são remendos e mészinhas que apenas ocultam o mal.

Palavras... Palavras... A *Aurora*, (de 11-2-917) insere um manifesto publicado em França, não sabemos quando, e assinado por 22 nomes de anarquistas ortodoxos, no qual se pretende estabelecer como se deve impor a *paz pelos povos*, palavras estas que são o título do manifesto e que indicam o seu objectivo.

Quasi todo o manifesto é consagrado a estabelecer as responsabilidades de todos ou quasi todos os beligerantes, com os argumentos já de ha muito conhecidos. Sobre o assunto capital do manifesto, limitam-se os signatarios a proclamar a necessidade dum congresso mundial operário, afim de «exigir a cessação das hostilidades e o desarmamento *imediató* e *definitivo* das nações», além de outras resoluções para garantir a paz futura. E termina com o costumado apêlo a todos os oprimidos para a implantação do reinado da justiça.

Quere-nos parecer que este manifesto tem, de existencia um ano ou pouco menos, pois que além de nos lembrarmos vagamente de o termos lido, refere-se êle á conferencia de Zimmerwald, como uma coisa de grande alcance e não fala da de Quiental, que nos veio mostrar, como tudo o mais que se tem passado, a ilusão em que vivem os revolucionarios ortodoxos, esperando a salvação do mundo, da revolução realizada por aqueles que nada puderam fazer em melhores condições que presentemente.

E' a metafisica de sempre, a fé nos golpes de mão, a crença na deusa Revolução, no milagre insurreccional, na capacidade organizadora adquirida como por encanto, no poder magico das palavras, em tudo emfim, que foi em grande parte, a causa da impotencia, da inacção, da falencia revolucionaria para impedir a guerra.

Não ha meio de os acontecimentos, de a dolorosa experiencia ensinar alguma coisa aos ortodoxos. Perguntase-lhes como se consegue a paz que desejam e respondem sempre com palavras, com as palavras de indignação contra os opressores ou de apêlo aos oprimidos e mais nada.

E' assim que responde, no *Réveil*, de Genebra, (27-1-917) um revolucionario á pergunta feita pela *Libre Fédération*, de Lausanne. Gasta quasi todo o artigo com